

ÍON*

Platão

- 530a S. Bom dia, Íon. De onde nos vens agora? Vens de tua terra, Efeso?
- I. Nada disso, Sócrates; estou chegando de Epidauro, das festas de Asclépios.
- S. Então também os habitantes de Epidauro promovem festivais de rapsodos em honra ao seu deus?
- I. Exatamente. E também das outras artes das Musas.
- S. O quê? E tu estavas competindo? E como foi tua participação?
- 530b I. Os primeiros lugares, Sócrates, ganhamos todos.
- S. Falas bem a propósito. Vamos, então, ganhar também as Panatenéias.
- I. Assim será feito. Se os deuses quiserem.
- S. Na verdade, Íon, muitas vezes eu tive inveja de vós, os rapsodos; por vossa arte. Com efeito, é conveniente que vós, por vossa arte, cuideis do corpo de forma a vos mostrardes os mais belos possível e ao mesmo tempo vos é necessário viver em companhia de muitos outros poetas bons e sobretudo na companhia de Homero, o melhor e o mais divino dos poetas, e apreender o pensamento dele, e não só os versos. Pois ninguém se tornaria rapsodo se não compreendesse o que o poeta diz, já que o rapsodo deve se tornar o intérprete do pensamento do poeta aos que o ouvem. E quem não conhece o que diz o poeta é incapaz de realizar essa tarefa. E tudo isso é digno de inveja.
- 530c
- I. Tens razão, Sócrates. Pelo menos para mim é este o aspecto de minha arte que me tem dado maior trabalho e creio que entre todos sou eu quem fala melhor sobre Homero. Nem Metrodoro de Lampsaco nem Estesimbrotos de Tasos nem
- 530d

* Traduzido por Henrique Graciano Murachco, Professor de Língua e Literatura Grega no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da F.F.L.C.H da USP.

Glauco, nem nenhum outro dos que já existiram pode dizer tantos e tão belos pensamentos sobre Homero quanto eu.

- S. Falaste bem, Íon, e é claro que não te recusarás de demonstrar o que acabas de dizer.
- I. E vale a pena ouvir, Sócrates, como eu adornei Homero tão bem que eu acredito merecer ser coroado com uma coroa de ouro pelos Homéridas.
- 531a S. Está bem. Também eu um dia terei tempo em ouvi-lo. Mas agora, responde-me apenas isto: tu és bom só em Homero ou também em Hesíodo e Arquíloco?
- I. De forma alguma. Só em Homero. Isto me parece suficiente.
- S. E há algo sobre o que Homero e Hesíodo falam a mesma coisa?
- I. Creio que sim, e muitas. Pelo menos é o que me parece.
- S. E dessas coisas, tu discorrerias melhor sobre o que diz Homero ou sobre o que diz Hesíodo?
- I. Discorreria de um modo semelhante sobre aquelas coisas sobre as quais eles falam de modo semelhante.
- 531b S. E sobre aquilo sobre o que eles não dizem as mesmas coisas, como por exemplo sobre a arte divinatória de que Homero e Hesíodo falam alguma coisa.
- I. Perfeitamente.
- S. E então? A respeito de tudo quanto esses dois poetas falam de maneira igual sobre a arte divinatória e a respeito de tudo quanto falam de maneira diferente quem discorreria melhor: tu ou um adivinho dos bons?
- I. Um adivinho.
- S. E se tu fosses um adivinho? Se tu estivesses em condição de discorrer sobre as passagens em que eles estão de acordo, não poderias também discorrer sobre as passagens em que eles não estão de acordo?

- I. É claro que sim.
- 531c S. Afinal o que é isso? Tu és hábil em Homero e não és em Hesíodo nem em outros poetas? Será que Homero fala de temas diferentes daqueles abordados por outros poetas? Acaso ele não discorre muitas vezes sobre a guerra e sobre as relações dos homens entre si, de homens bons e de homens maus, de homens comuns e de artesãos e sobre as relações dos deuses entre si e com os homens e como são essas relações e sobre os fenômenos celestes e sobre o mundo do Hades e sobre as gerações dos deuses e heróis? Não são estes os temas sobre os quais trata a poesia de Homero?
- 531d I. É verdade, Sócrates.
- S. E então? Os outros poetas não tratam desses mesmos temas?
- I. Sim, Sócrates, mas não o fizeram da mesma maneira como Homero.
- S. O quê? Fizeram-no de maneira pior?
- I. E muito.
- S. E Homero? Ele o fez melhor?
- I. Melhor, é claro, por Zeus.
- S. Então, caro amigo Íon, quando muitas pessoas falam a respeito de número e uma delas fala muito bem, eu suponho que se reconheceria aquela que fala bem...
- 531e I. É o que eu digo.
- S. Nesse caso essa pessoa será a mesma que reconhecerá os que falam mal ou será uma outra pessoa?
- I. É a mesma, sem dúvida.
- S. Então essa pessoa é aquela que possui a ciência dos números?
- I. É.

- S. E quando muitas pessoas falam a respeito dos alimentos, sobre aqueles que são bons para a saúde e uma delas fala muito bem, será que é uma outra pessoa que reconhecerá quem fala bem porque fala bem ou é outra pessoa que reconhecerá quem fala pior porque fala pior?
Ou será a mesma pessoa?
- I. É claro que é a mesma pessoa.
- S. E quem é ela? Como se chama?
- I. É o médico.
- 532a S. Digamos, então, resumidamente, que a mesma pessoa reconhecerá sempre, quando muitas pessoas falam sobre as mesmas coisas, quem fala bem e quem fala mal; ou então, se ela não reconhecer quem fala mal é claro que não reconhecerá quem fala bem, pelo menos a respeito do mesmo tema.
- I. É isso mesmo.
- S. Então uma mesma pessoa se torna capaz de reconhecer uma e outra coisa.
- I. É.
- S. Tu afirmas, então, que tanto Homero quanto os outros poetas, entre os quais estão Hesíodo e Arquíloco, falam a respeito dos mesmos temas só que não de maneira semelhante; e que pelo menos um fala bem e outros falam menos bem?
- I. E é verdade o que eu afirmo.
- S. Pois é. Então se tu reconheces quem fala bem, serias capaz de reconhecer também os que falam menos bem porque falam menos bem?
- 532b I. Parece-me que sim.
- S. Então, caro amigo, ao afirmarmos que Íon é hábil em Homero e em outros poetas não estaremos cometendo nenhum erro, já que ele mesmo concorda que uma mesma pessoa será juiz capaz de todos quantos porventura falam sobre as mesmas coisas. E os poetas, quase todos, falam das mesmas coisas.

- I. E qual é o motivo então, Sócrates, de que, quando alguém discorre sobre um outro poeta qualquer eu não presto atenção e sinto-me incapaz de trazer para a conversação algo que valha a pena e fico cochilando, sem nenhuma arte; no entanto, assim que alguém se lembra de Homero, estou de novo esperto, presto atenção e tenho facilidade em falar?
- S. Não é difícil explicar isso, companheiro; bem ao contrário, está claro para qualquer um que tu és incapaz de falar sobre Homero por arte ou ciência. Com efeito, se tu fosses capaz por uma arte, tu serias capaz de falar também sobre todos os outros poetas, pois que a arte poética de alguma maneira é um todo, não é?
- I. Sim.
- 532d S. Então, se alguém toma uma outra arte em seu todo, seja ela qual for, o método de investigação é o mesmo para todas as artes? Queres saber, Íon, o que eu quero dizer com isso?
- I. Sim, Sócrates, por Zeus. Eu, pelo menos, sinto prazer em vos ouvir, vós, os sábios.
- S. Quisera que tu estivesse dizendo a verdade, Íon. Sábios, de alguma forma sois vós, os rapsodos e atores e aqueles cujos poemas vós cantais. Quanto a mim, nada digo além da verdade, como é natural a um homem comum. E quanto ao que eu te perguntei há instantes, vê como é simples e vulgar e ao alcance do entendimento de qualquer um o que eu disse: que a investigação é a mesma se alguém toma uma arte em seu conjunto. Tomemos um exemplo: a pintura é uma arte em seu todo?
- 532e I. É.
- S. Portanto, também na pintura há e houve muitos pintores bons e muitos medíocres.
- I. Certamente.
- S. Já viste alguém que é capaz de discorrer a respeito de Polignoto, filho de Aglaofonte, sobre o que ele pinta bem e sobre o que não e não seja capaz de fazer o mesmo sobre outros pintores? E quando alguém expõe as obras de outros pintores, ele cochila e fica indeciso e não tem o que acrescentar,
- 533a

e quando é a respeito de Polignoto ou de algum outro pintor dos que ele quer, se se trata de emitir uma opinião ao respeito de um só deles, ele acorda e presta atenção e tem facilidade em falar?

- I. Por Zeus que não.
- 533b S. Pois é. E na escultura, já viste alguém que a respeito de Dédalo, de Metião ou de Epeio, de Panopeu ou de Teodoro de Samos ou sobre qualquer outro escultor, e sobre um só deles, seja capaz de explicar o que de bom ele fez e no entanto em relação às obras dos outros escultores fica sem ação e cochila, não tendo nada a dizer?
- I. Não, por Zeus; não vi ninguém assim.
- S. E nem também, pelo menos é o que eu penso, nem na arte do flautista, nem na arte do citarista e nem na rapsódia tu viste alguém que seja capaz de discorrer a respeito de Olimpo ou a respeito de Tamiras ou de Orfeu ou a respeito de Fêmio, o rapsodo de Ítaca; contudo, a respeito de Íon de Éfeso esse alguém fica sem ação e incapaz de explicar aquilo que ele declama bem e aquilo que não.
- 533c I. Não tenho condições de te contradizer, Sócrates, mas tenho consciência de uma só coisa: é que sobre Homero eu falo melhor do que ninguém e não tenho o menor constrangimento; e todos os outros afirmam que eu falo bem. Mas a respeito de outros poetas, não. Analisa bem o que é isso.
- S. Não só estou percebendo isso, Íon, mas também estou disposto a te revelar o que isso significa para mim: existe em ti uma coisa, isto é, o falar bem sobre Homero, que não é arte, como há pouco eu afirmei, mas uma força divina que te move, como naquela pedra que Eurípides chama de Magnética e o povo chama pedra de Hércules. Essa pedra não só atua sobre os próprios elos de ferro, mas ainda transmite força aos elos, de forma a poder fazer a mesma coisa que a pedra, isto é, atrair outros elos, de maneira que às vezes fica pendente uma grande seqüência de elos de ferro; e é daquela pedra que provém a força para todos os elos. De igual maneira também a Musa, por ela mesma, faz inspirados; e através deles, outros se deixando arrebatados, forma-se uma cadeia. Com efeito, todos os poetas épicos, os bons, recitam esses belos poemas não graças a uma arte, mas por estarem inspirados
- 533d
- 533e
- 534a

- 534b pelo divindade e possuídos por ela. Da mesma forma o fazem também os poetas líricos, os bons; como os coribantes dançam quando não estão em seu pleno juízo, assim também os poetas líricos fazem esses belos poemas não estando em seu pleno juízo; ao contrário, quando entram na harmonia e no ritmo entram em transe báquicos e, possessos, como as bacantes, vão buscar mel e leite dos rios, possessos e não em seu pleno juízo e também dos poetas líricos a alma realiza isso, como eles mesmos afirmam. Dizem-nos com efeito, os poetas líricos, que é colhendo de fontes que vertem mel de certos jardins e vales das Musas que eles nos trazem seus versos. Como as abelhas, eles também voam; e falam verdade. Pois o poeta é coisa ligeira e alada, e sagrada; e incapaz de criar, antes de se tornar inspirado pela divindade e de ficar fora de si e com o juízo ainda não habitando nele; enquanto não tem esse dom, homem algum é capaz de criar e de proferir oráculos.
- 534c Então, já que não é por alguma parte divina que eles falam muitas coisas belas sobre os acontecimentos, como tu a respeito de Homero, mas por parte divina cada qual é capaz de compor belos poemas só naquele gênero para o qual a Musa o dirigiu: este para os ditirambos, o outro para os encômios, aquele para os hiporquemas, um outro para os poemas épicos, o outro para os jambos; e cada um deles é medíocre nos outros gêneros. Na verdade eles dizem essas coisas não por obra de uma arte mas por um poder divino, pois que se eles soubessem falar bem a respeito de uma delas por arte, com certeza saberiam falar também sobre todas as outras.
- 534d Por isso, a divindade, tirando o juízo deles usa-os como servidores, e também se serve dos oráculos e dos adivinhos inspirados a fim de que nós, os ouvintes, saibamos que não são eles que falam essas coisas tão dignas de valor, pois que não lhes assiste o juízo, mas é a própria divindade que fala e se manifesta a nós através deles. E a maior prova do que afirmamos é Tínicio de Cálcis. Ele nunca escreveu nenhum outro poema que alguém julgasse digno de memória, mas compôs o peã que todos cantam, talvez o mais belo poema lírico de todos; e o fez sem arte, como ele mesmo afirma, "um achado das Musas". Em verdade neste episódio a divindade parece nos demonstrar sobretudo, a fim de que não tenhamos dúvidas, que esses belos poemas não são humanos, nem são obras dos humanos, mas sim obras divinas e dos deuses e que os poetas não são nada mais do que intérpretes dos deuses, cada um possuído por aquele deus que o domina.

- 535a Para demonstrar isso é que a divindade propositadamente cantou o mais belo poema lírico através do poeta mais mediocre. Por acaso não é verdade o que eu digo, Íon?
- I. Sim, por Zeus eu acho; pois que com tuas palavras, tu, de algum modo, me tocas a alma, Sócrates. Parece-me que é por parte divina que os bons poetas interpretam essas coisas que vêm da parte da divindade para nós.
- S. Então, vós, os rapsodos, por vossa parte interpretais as obras dos poetas?
- I. Também isso é verdade.
- S. Então vós vos tornais intérpretes dos intérpretes?
- I. Exatamente.
- 535b S. Vamos, então, Íon, diga-me, sem esconder nada, em resposta à minha pergunta: quando tu recitas bem os versos épicos e impressionas muito os espectadores, quer quando cantas Odisseus saltando no pátio e se revelando aos pretendentes e espalhando as flechas diante dos pés, ou quando cantas Aquiles lançando-se contra Heitor, ou ainda quando cantas alguma passagem patética a respeito de Andrômaca ou de Hécuba ou de Príamo, quando tu recitas esses versos, tu estás em teu perfeito juízo ou tu estás fora de ti e tua alma julga estar junto aos acontecimentos que eja recita, levada pelo entusiasmo, quer eles se passem na Ítaca ou em Tróia ou em qualquer que seja o local descrito pela narrativa?
- 535c I. Não poderias me dar prova mais evidente, Sócrates. Com efeito, eu, quando recito alguma passagem patética, meus olhos se enchem de lágrimas e quando recito algo terrível ou apavorante meus cabelos ficam em pé e meu coração dispara.
- 535d S. Diríamos, então, Íon, que está em pleno juízo aquele homem que, adornado de vestes coloridas e coroas de ouro chora durante os sacrifícios e festas, sem ter perdido nenhum desses enfeites; ou se enche de medo postado diante de mais de vinte mil homens bem intencionados a seu respeito, sem que nenhum deles queira tirar nada nem prejudicá-lo?
- I. De modo algum, Sócrates; por Zeus, se é para falar a verdade.

- S. E tu sabes que vós provocais essas mesmas reações na maioria dos espectadores?
- 535e I. Claro. Eu sei muito bem. Com efeito, cada vez eu os observo do estrado, a chorar, a olhar ameaçadoramente, a sentir pavor com as minhas palavras. De fato eu preciso ficar bem atento, pois que se eu os fizer chorar eu mesmo darei risadas ao receber dinheiro e se eu os fizer rir, eu mesmo chorarei, perdendo dinheiro.
- S. Sabes então que esse espectador é o último dos elos de que eu falava, a receber a força, que sob o efeito da pedra de Heracléia, passa de um para outro? O elo do meio és tu, rapsodo e ator; e o primeiro é o poeta. E a divindade, através de todos eles, arrasta a alma dos homens para onde ela quer, fazendo passar a força de uns para outros. E da mesma maneira como daquela pedra, parte daí uma densa corrente de coreutas, de mestres, de sub-mestres, dependurados obliquamente dos elos dependurados da Musa. E um poeta depende de uma Musa, outro de outra e nós damos a isso o nome de "possuído", o que é mais ou menos a mesma coisa porque ele está "seguro". E desses primeiros elos, dos poetas, outros estão dependurados de outro e se enchem de entusiasmo: uns estão dependurados de Orfeu, outros de Museu, e a maioria deles está possuída e segura por Homero. E tu és um deles, Íon, e dependes de Homero; e quando alguém canta algo de um poeta qualquer, tu cochilas e não tens nada a dizer; mas quando alguém entoia qualquer composição desse poeta, tu imediatamente estás desperto e tua alma começa a dançar e tu novamente sabes o que dizes. Na verdade não é por arte ou ciência que tu falas sobre Homero, mas por possessão divina. Assim como os corimbantes sentem com intensidade aquela parte do canto pela qual são possuídos pela divindade e para essa composição eles encontram facilmente palavras e gestos, não se preocupando com os outros, assim também és tu, Íon: cada vez que alguém se lembra de Homero, tu te sentes à vontade, e tens dificuldade em relação a outros poetas. E tu me perguntas: qual é a causa disso? Isto é, por que tu sentes essa facilidade em relação a Homero e sentes dificuldade em relação aos outros? É que não é por alguma arte mas por dom divino que tu és um hábil cantor de Homero.
- 536a
- 536b
- 536c
- 536d
- I. Falas bem, Sócrates; no entanto, eu me admiraria muito se tu falasses tão bem que me convenceses de que eu elogio

Homero quando estou possuído ou delirando. Na minha opinião tu mesmo não acreditarias nisso, ao ver-me discorrendo sobre Homero.

- 536e S. Mas é claro que eu quero te ouvir; não antes, contudo, de me responderes isto: entre os temas homéricos, sobre qual deles tu falas bem?
Pois que é evidente de que não é sobre todos...
- I. Tu sabes bem, Sócrates, que não há um só tema de que eu não trate.
- S. Menos, com certeza, daqueles de que não és conhecedor e de que Homero trata.
- I. E quais são os temas de que Homero trata e que eu ignoro?
- 537a S. Homero não trata em muitos lugares e muito, das artes? Por exemplo, sobre a arte do cocheiro; se me lembrar da passagem eu a citarei.
- I. Mas eu recitarei pois eu me lembro.
- S. Diga-me, então, o que Nestor diz a seu filho Antíloco quando o aconselha a se cuidar na curva, por ocasião das corridas em homenagem a Pátroclo.
- I. Ele diz: *"Inclina-te tu suavemente sobre o carro bem polido para a esquerda, e o cavalo da direita excita com a voz; cede-lhe as rédeas com as mãos; No marco, o cavalo da esquerda passe raspando como se a caixa da roda aparentemente tocasse a extremidade Mas, cuidado, para não toques na pedra"* I1.XXIII, 335sqq.
- 537c S. Chega. Esses versos, Íon, se Homero fala corretamente ou não, quem saberia dizer melhor: um médico ou um cocheiro?
- I. É claro que é o cocheiro.
- S. E é porque ele possui essa arte ou por um outro motivo qualquer?
- I. Não, é porque ele possui essa arte.
- S. Então a cada uma das artes é dada pela divindade uma

atividade de forma a ser possível conhecê-la? Porque aquilo que conhecemos na arte do piloto não conheceremos na medicina.

I. É claro que não.

S. E nem conheceremos na arquitetura as mesmas coisas que conhecemos na medicina?

I. Não, é claro.

537d S. Portanto, assim é também em relação a todas as artes; aquilo que conhecemos através de uma não conhecemos através de outra? Mas, antes disso, responde-me o seguinte: podes afirmar que uma arte é diferente da outra?

I. Posso, sim.

S. Então, assim como eu estou definido, quando uma arte trata de uns objetos e outra trata de outros, assim eu denomino a uma de uma maneira, a outra de outra. Tu também fazes o mesmo?

537e I. Sim.

S. Com efeito, se uma arte fosse a ciência dos mesmos objetos, por que haveríamos de denominá-la de uma maneira diferente da outra, uma vez que seria possível saber as mesmas coisas através de ambas? Da mesma forma que eu sei que esses dedos são cinco, também tu sabes, e, como eu, tu sabes as mesmas coisas a respeito deles. E se eu te perguntasse se é pela mesma arte que nós sabemos isso, isto é, pela ciência dos números que eu e tu conhecemos as mesmas coisas ou por outra arte, tu responderias certamente que é pela mesma arte.

I. É claro.

538a S. Responda-me, então, agora àquilo que há pouco eu pretendia te perguntar: acreditas que assim acontece em todas as artes, isto é, que pela mesma arte é necessário conhecer as mesmas coisas e pela outra não conhecemos as mesmas coisas, mas se é outra, necessariamente nos faz conhecer outras coisas?

I. Assim me parece, Sócrates.

- S. Portanto, aquele que não possui uma arte não será capaz de conhecer bem nem os atos nem as palavras dessa arte?
- I. É correto o que dizes.
- S. E a respeito dos versos que acabas de citar, quem saberá melhor se Homero fala bem ou não: tu ou um cocheiro?
- 538b I. Um cocheiro.
- S. Isto porque tu és um rapsodo e não um cocheiro.
- I. É.
- S. E a arte do rapsodo é diferente da arte de um cocheiro.
- I. É.
- S. E se é diferente é também ciência de objetos diferentes.
- I. É.
- 538c S. E quando Homero fala de maneira como Hecamedes, concubina de Nestor, administra uma poção a Macaão ferido? A passagem é mais ou menos assim: "*sobre o vinho de Pramnos ela raspa queijo de cabra com ralador de cobre, além de cebola, tempero de bebida*" I1. XI,639 sqq. Essas coisas, se Homero as diz corretamente, a quem cabe distinguir: à arte do médico ou à do rapsodo?
- I. À do médico.
- 538d S. É quando Homero diz: "*E ela chega ao fundo como uma chumbada, que, fundida no chifre de boi campestre chega trazendo a morte aos peixes carnívoros*" I1. XXIV,80 sqq. Essas coisas diríamos nós que cabe mais à arte da pesca do que à arte do rapsodo julgar o que ele diz e se diz bem ou não?
- I. É evidente que cabe à arte da pesca.
- 538e S. Vê bem, Íon, no caso de seres tu o interrogador e se me perguntasses:
"Sócrates, já que tu encontras em Homero aquilo que compete a cada uma dessas artes discernir, encontra-me então, também no que diz respeito ao adivinho e à arte divinatória,

quais as coisas que lhe cabem de modo a se tornar apto a distinguir se o poema está bem ou mal feito." Veja quão fácil e verdadeira seria minha resposta.

539a Na verdade ela fala em muitas passagens também na Odisséia, como, por exemplo, um dos descendentes de Melampo, o adivinho Teoclimeno, diz aos pretendentes: "*Infelizes, por que sofreis desse mal? Da noite, vossas cabeças, vossos rostos, os membros inferiores se cobrem,*

Os lamentos ecoam, as faces se enchem de lágrimas, De vultos está cheio o pórtico, cheio está o pátio, eles vão ao Érebo, às trevas; e o sol já desertou do céu, sobrevém bruma sombria" Od.XX,351 sqq.

539b E também na Ilíada, em muitas passagens; por exemplo, no assalto às muralhas: também ali ele diz:

539c "*Pois uma ave sobrevoou os que tentavam atravessar Era uma águia de alto vôo, pela esquerda detendo o povo trazendo nas garras uma serpente vermelha, descumunal, viva, debatendo-se ainda; ainda não renunciou ao combate E picou quem a segurava no peito perto do pescoço. E a águia, virando para trás a cabeça de onde está cai por terra,*

539d *Torcendo-se em dores; atirando-a em meio à multidão e ela mesmo gritando alçou-se pelos ares.*" Il. XII,200 sqq.

Eu diria que essas passagens bem como outras semelhantes cabem ao adivinho observar e julgar.

I. E estaria dizendo a verdade, Sócrates.

S. E tu também, Íon, estás certo nestas coisas. Mas agora é tua vez.

539e Da mesma forma que eu te citei algumas passagens tanto da Ilíada quanto da Odisséia, próprias de adivinho, de médico e de pescador, assim também, Íon, cita-me, já que és mais experiente do que eu nas Obras de Homero, as passagens próprias de rapsodo e da arte do rapsodo, passagens que cabe ao rapsodo observar e julgar, excluídos os outros homens.

I. E eu afirmo, Sócrates, que são todas.

S. Quem diz "todas" não és tu, Íon; ou então estás tão desmemoriado? Contudo, Íon, não seria conveniente a um rapsodo ter a memória fraca.

540a I. E eu estou esquecendo alguma coisa?

- S. Não te lembras que disseste que a arte do rapsodo é diferente da do cocheiro?
- I. Lembro-me, sim.
- S. Então, sendo diferentes, concordas que o objeto de seus conhecimentos são diferentes?
- I. Concordo.
- S. Portanto, segundo tu mesmo dizes, nem a arte do rapsodo nem o rapsodo conhece todas as coisas.
- I. Sim, com exceção talvez dessas aí, Sócrates.
- 540b S. Dizes “essas aí”. Isto quer dizer: exceto outras artes; então, que coisas conheces tua arte, já que não conhece absolutamente todas?
- I. Aquelas coisas, penso eu, que convêm à linguagem de um homem, de uma mulher, de um escravo, de um homem livre, de um subordinado, de um chefe.
- S. Tu afirmas então que as coisas que convêm a um comandante dizer em alto mar em meio a uma tempestade, um rapsodo saberá dizer melhor do que um comandante?
- 540c I. Não, é o comandante que saberá dizer melhor.
- S. E aquilo que convêm a quem cuida de um doente, o rapsodo saberá dizer melhor do que um médico?
- I. Não, isso também não.
- S. Então queres dizer que são as coisas que convêm a um escravo?
- I. Sim.
- S. Queres dizer, por exemplo, que a que convêm a um escravo boiadeiro ao querer acalmar o gado espantado, é o rapsodo que saberá dizer e não o boiadeiro?
- I. Não, é claro.

- 540d S. Então a linguagem que convém a uma mulher fiandeira a respeito dos trabalhos da lã?
- I. Não.
- S. Então ele conhecerá a linguagem que convém a um comandante ao fazer um discurso aos soldados?
- I. Sim, essa linguagem o rapsodo conhecerá.
- S. O que? Então a arte do rapsodo é uma arte de comandante?
- I. Pelo menos eu saberia o que convém que o comandante diga.
- 540e S. Talvez, Íon, tu sejas também hábil em comandar. Vejamos: se por acaso tu fosses ao mesmo tempo um cavaleiro e um citarista, tu conhecerias os cavalos que são bons ou maus de montaria. Mas se eu te perguntasse: por que arte, Íon, tu identificas os cavalos bons de montaria: pela arte de ser cavaleiro ou pela arte de ser citarista? O que me responderias?
- I. Pela qual eu sou cavaleiro, diria eu.
- S. Portanto, se tu sabes reconhecer aqueles que tocam bem cítara, tu concordarias que tu os reconheces por aquela arte pela qual tu és citarista e não pela qual tu és cavaleiro.
- I. É claro.
- S. E já que tu conheces a arte militar, tu a conheces na qualidade de hábil comandante ou na qualidade de hábil rapsodo?
- 541a I. Não me parece haver nenhuma diferença.
- S. Como? Afirmas que não há diferença? Afirmas que a arte do rapsodo e a arte do comandante são uma só arte e não duas?
- I. Para mim são uma coisa só.
- S. Então, quem é bom comandante é também bom rapsodo?
- I. Não, não é isso que me parece.
- 541b S. Mas o contrário sim, achas que quem é bom rapsodo também é bom comandante?

- I. Perfeitamente.
- S. Então tu és o melhor rapsodo dos gregos?
- I. Sou e em muito.
- S. E comandante, Íon, também és o melhor dos gregos?
- I. Fica sabendo, Sócrates, que também essas coisas eu aprendi de Homero.
- S. Então, Íon, pelos deuses; se és ao mesmo tempo o melhor rapsodo e o melhor comandante entre os gregos, por que tu percorres toda a Grécia como rapsodo e não como comandante? Por acaso acreditas que os gregos necessitam muito de um rapsodo coroado de uma coroa de ouro e não sentem nenhuma necessidade de um comandante?
- 541c I. É que nossa cidade, Sócrates, é governada por vós e por vós é comandada e não precisa de um comandante, e a vossa como também a dos Lacedemônios não me escolheria como comandante, pois vós vos julgais capazes disso.
- S. Oh, meu caro Íon, acaso conheces Apolodoro de Cízico?
- I. Que Apolodoro?
- S. Aquele que os atenienses têm escolhido como comandante, mesmo sendo estrangeiro. E também Fanostenes de Andros, e Heraclés de Clazomene, os quais, mesmo sendo estrangeiros, nossa cidade tem julgado dignos de menção e os tem levado tanto aos comandos quanto a outros postos. Será que a Íon de Éfeso ela não elegerá comandante e não o honrará se ele lhe parecer digno de menção? Ora essa, será que vós, os efésios não sois atenienses de origem e será que Éfeso é inferior a outra cidade qualquer? Mas tu, Íon, se o que afirmas é verdade, isto é, que tu és capaz de elogiar Homero por obra de uma arte e ciência, tu estás errado; tu que, depois de ter prometido que sabias muitas coisas belas sobre Homero e afirmando que demonstrarias, tu me estás enganando e tua demonstração deixa muito a desejar; tu que, nem mesmo queres dizer aquelas coisas sobre as quais tu afirmas ser hábil, apesar de minha insistência. E ficas aí, como Proteu, desajeitadamente, te transformando em tudo, virando para cima e para baixo, até que, por fim, depois de me teres
- 541d
- 541e

- 542a evitado, tu apareces como comandante, para me demonstrar que tu és competente na sabedoria de Homero. Então, se tu és um especialista em Homero, como acabei de afirmar, e se depois de teres prometido demonstrá-lo tu me enganas, tu estás errado; mas se tu não és um especialista e, por um privilégio divino, estás possuído de Homero e, apesar de nada saber, tu dizes belas coisas sobre o poeta, como eu disse a teu respeito, tu não tens culpa nenhuma. Escolhe, pois, se tu queres ser considerado por nós um homem culpado ou um inspirado da divindade.
- I. A diferença é muito grande, Sócrates; é muito mais bonito ser considerado inspirado da divindade.
- 542b S. Pois bem, Íon. De nossa parte é essa coisa bela que fica para ti: ser um inspirado da divindade e não um especialista em elogiar Homero.

NOTA

Educação e Filosofia inicia, com o texto do diálogo platônico ION, traduzido para o português pelo Professor Henrique Graciano Murachco, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da F.F.L.C.H da USP, seção de grande relevância para os leitores, destinada a pequenos textos filosóficos de reconhecida relevância e nem sempre de fácil acesso, em vernáculo.

O ION é um diálogo da juventude de Platão. Cronologicamente situar-se-ia em torno do ano 391 a.C.. Traz o título ION ou SOBRE A ILÍADA. Na realidade o que parece estar em jogo é a questão da própria inspiração poética (muito mais até que a arte do rapsodo), que Platão distingue e, a esta altura da vida, com certo menosprezo, das artes e ciências. O poeta e o rapsodo não sabem dar "razões" do seu dizer ou cantar. Estão sob a inspiração divina. O que pode parecer muito nobre, mas que, no fundo, é decepcionante, numa sociedade - a grega - que se julgava esclarecida".

Tiago Adão Lara

** Membro do Conselho Editorial da Revista "Educação e Filosofia".